

**IV JORNADA DE ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA**  
**“A EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS, UM BEM PÚBLICO E**  
**ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS.”**

**I PARTE**

**INTRODUÇÃO**

**1. COMENTÁRIOS**

- 1.1 Educação direito de todos
- 1.2 Educação bem público
- 1.3 Estratégia para o desenvolvimento do país

**2. O TEMA DO CORPO**

- 2.1 Acesso científico
- 2.2 Cenário social
  - Mitologia
  - Filosofia
- 2.3 Esfera existencial
  - Sem corpo próprio
  - Negação do corpo
  - Modelos estranhos

**II PARTE**

**UM PROJETO DE CORPO PARA EDUCAR**

**1. SER CORPO**

- 1.1 Amar o corpo
- 1.2 Ética da estética
- 1.3 A eco-alfabetização do corpo

**2. NO JARDIM-DE-INFÂNCIA**

- 2.1 Conceitos e parábolas
- 2.2 É observando que aprendemos
- 2.3 Preservar a infância

**CONCLUSÃO**

- 1. Ser sempre criança
- 2. Saber observar
- 3. Sorrir

## IV JORNADA DE ESTUDOS SOBRE A INFÂNCIA

### MESA REDONDA

#### “A EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS, UM BEM PÚBLICO E ESTRATÉGIA PARA O DESENVOLVIMENTO DO PAÍS.”

#### UM OLHAR INQUIETO SOBRE A CORPOREIDADE

### I PARTE

#### 1. Introdução - Comentários

Antes de tratar diretamente do assunto, que me foi proposto, **a corporeidade**, tomo a liberdade para deter-me sobre as palavras que anunciam o tema geral da mesa redonda: **A educação é um direito de todos, um bem público e estratégia para o desenvolvimento do País**. Esta minha decisão está baseada na necessidade de fundamentar o processo de minha exposição.

##### 1.1. educação direito de todos.

Pergunto: em que se baseia esse direito? O direito pode ser entendido como algo que eu posso exigir dos outros, como contrapartida de algo que estaria em mim. Entretanto, em nome de que eu posso reclamar esse direito de me educar? No meu entender, antes de ser direito, a educação é um dever pessoal intransferível. Ambos, direito e dever, têm como fundamento as necessidades e as exigências próprias da existência humana. As exigências e as necessidades de cada pessoa ou cidadão impõem deveres e reclamam direitos, entre eles os da educação.

Falta determinar em que consiste essa educação. O que pretendo desenvolver no contexto da corporeidade, isto é, do corpo educado.

##### 1.2. educação bem público.

Diante do que afirmei acima, sustento que a educação, mais que um bem público, é um bem pessoal ou da vida de cada ser vivo humano como um sistema auto-referido ou autopoietico, na linguagem de Maturana. Neste sentido me permito voltar aos antigos gregos, ainda que seja um pouco um lugar comum. Hipócrates (século III a.C.) já afirmava que “É preciso compreender o ser em relação a ele próprio e não em relação a mim”. E Galeno (131-210 d.C.), o famoso médico dos imperadores romanos, defendia a tese da *vis medicatrix* (força medicadora) como fator essencial da terapia, não podendo o médico fazer outra coisa senão auxiliar esta força.

Acredito ser correto pensar a ação pedagógica respeitando esses princípios. Cada ser vivo deveria ser compreendido como uma auto-organização que solicita recursos e assistência para seu desenvolvimento. O corpo, entendido como totalidade do ser vivo, é o referencial primeiro.

### 1.3. Estratégia para o desenvolvimento do país.

Na seqüência da minha linha de raciocínio, acredito que a educação como estratégia de desenvolvimento deve dar prioridade ao desenvolvimento da pessoa, requisito primeiro e indispensável para se falar em construção e exercício da cidadania. Sem esta não é possível pensar em desenvolvimento justo de uma sociedade.

## 2. O TEMA DO CORPO

Feita esta introdução, devo lembrar que o tema que me foi sugerido tem como objeto de reflexão o corpo ou a corporeidade, e, evidentemente, o corpo no processo de educação pré-escolar. Portanto, penso que seja necessário começar com uma observação, ainda que breve, sobre a compreensão de corpo.

Neste sentido vou sublinhar o que se lê no pequeno texto do folheto, redigido pelos organizadores do evento. **Vivemos, hoje, momentos de significativas transformações que modificam os modos de ser da família, da escola e da infância (...) Vivemos um problema ético, de relações humanas.”**

Essas constatações, sem dúvida, são corretas, ainda que muito tristes. No interior destas transformações e destes problemas, no meu entender, surge de maneira muito desafiadora, talvez conturbadora, o tema do corpo. Neste momento, entretanto, não há espaço para traçar as dimensões e as repercussões que estão ocorrendo no campo da filosofia, das ciências, da vida pessoal, da ordem social e, não poderia esquecer, das religiões.

Para não ficar apenas nestas alusões um tanto vagas, quero sublinhar três acessos ao corpo que, no meu entender, constituem a base da educação.

### 2.1 Acesso científico

Como pode ser o conhecimento científico do corpo?

Apontaria três ciências empíricas matrizes: Física, biologia e química, como responsáveis pelo conhecimento científico do corpo. Por que matrizes? Porque delas se originam outras ciências, por exemplo, a biomecânica, a bioquímica, a fisiologia do exercício, a antropometria, a antropologia física, a anatomia, etc.

Apenas para repetir o que todos sabem, para as ciências empíricas, o corpo não passa de um objeto físico manipulável como qualquer outro objeto da natureza. Sua estrutura é material. Simplificando, eu diria que tudo é regido por leis da física, pela morfogênese genética e por reações químicas. Evidentemente, hoje, as três instâncias estão conjugadas, pelo menos entre os estudiosos da ciência. Ninguém desconhece que os ensinamentos escolares transmitem um corpo desenhado pelas ciências. Por isso não preciso detalhar os conteúdos. Insisto apenas neste ponto: o corpo científico nos é apresentado como algo que está diante nós e fora de nós. Ele é outra coisa que nós mesmos. Na minha experiência escolar, ao estudar o corpo humano, em nenhum momento me senti a mim mesmo.

Hoje, outros saberes alternativos trazidos pelas culturas orientais e os movimentos ecológicos, certamente, podem nos conduzir por outros caminhos. E o corpo poderá adquirir outro perfil.

## **2.2 Cenário social**

O cenário social, sem dúvida, é o espaço mais fecundo para a construção de corpos humanos. É bom não esquecer que os corpos científicos são oferecidos às faculdades intelectivas, por isso ocupam os tempos e os espaços das instituições escolares, aparelhadas para cultivar a inteligência. Os corpos sociais desfilam nas passarelas sociais e, em especial, da mídia. Os primeiros são conteúdos de ensino/aprendizagem; os segundos tornam-se mercadorias de consumo.

A construção dos corpos sociais, entre outros aspectos, pode estar vinculada a duas funções: a definição de ser humano e a hierarquização da ordem social.

A história da antropologia, no capítulo que trata das preocupações do homem para definir-se a si mesmo, nos mostra que o corpo é insuficiente para garantir a humanidade do homem. Tal fato aparece claramente na mitologia, na filosofia e nas ciências modernas. Vejamos resumidamente as três instâncias.

### **- Mitologia**

As três grandes mitologias referentes à origem do homem, que estão na raiz da cultura ocidental, apresentam o corpo como um elemento material e incompleto para constituir o ser humano.

Na mitologia bíblica, o corpo formado de argila por Javé, somente se torna homem com o sopro divino. Na tradição grega, o mito de Prometeu nos mostra que um grupo de seres carentes, dele protegido, somente alcança o grau de hominização através de uma centelha de fogo subtraída ao Carro de Zeus. No mito latino da origem do homem, Cura, atravessando um rio e vendo a argila, resolveu moldar uma criatura e, como complemento, pede auxílio a Júpiter para que lhe infundisse o espírito.

Nas três tradições míticas fica claro que o ser humano precisa mais que uma composição corporal material.

### **- Filosofia**

O pensamento racional, formulado pelos gregos e, por nós identificado como filosofia, define o homem como um ser vivo dotado de Logos. *Czoon Echon logon*, cuja tradução mais freqüente é animal racional.

Esta definição do homem não apenas definiu genérica e individualmente a espécie humana, mas estabeleceu a base da ordem social. O Logos ou Pique se manifesta em grau diferenciado nos indivíduos, de acordo com o grau ou tipo de pique presente nos indivíduos se estabelece uma hierarquização social.

A filosofia moderna confirmou, especialmente a partir de Descartes, a identidade humana num elemento que transcende o corpo, dele totalmente distinto. Simplificando a questão, este elemento pode ser chamado de razão, mente, consciência, pique ou, mesmo, alma. Por exemplo, nas correntes existencialistas, nem mesmo o sopro divino teria criado o homem completo, mas apenas um ser vivente. Foi o conhecimento do bem e do mal, isto é, a consciência de si que tirou o homem da esfera do biológico.

As ciências empíricas nada mais fizeram do que avaliar esta maneira de pensar. Deixaram que as ciências, ditas humanas, se preocupassem com a parte espiritual (Geist = espiritual, não no sentido religioso) do homem, enquanto elas se dedicaram a vasculhar e colocar pelo avesso o corpo humano.

É esse corpo desnudado das ciências que, salvo engano meu, é repassado como conteúdo disciplinar nas escolas.

### **2.3 Esfera existencial**

Qual o lugar do corpo na existência?

Perguntas mais diretas, talvez, sejam mais provocadoras: Qual o lugar do corpo na minha vida? Ou que significa o corpo para mim? Neste sentido seria interessante lembrar o desafiador confronto entre ter e ser corpo. Tenho corpo ou sou corpo?

Caso o tempo permitir e o interesse reclamar, poderemos refletir um pouco sobre esse dilema.

Para fugir dessas questões mais comprometedoras e filosóficas, vou descrever uma paisagem mais amena, muito próxima do cotidiano de cada um.

Inicialmente convido a cada um lembrar o que se diz ou se costuma ouvir diante de um recém nascido.

Pelas minhas lembranças do passado e observações mais recentes, todos nascem sem corpo próprio. Em geral temos a cara do pai ou da mãe quando eram pequenos, ou dos irmãos mais velhos. As constatações mais frequentes diante do recém nascido, entretanto lembram uma composição fantástica. O bebê tem os olhos do pai, o nariz da tia, a boca da mãe, as mãos da prima ou do primo, os cabelos ou carequinha deste ou daquele, etc. Resumindo, o bebê é uma colcha de retalhos corporais. Em nenhum momento é um corpo próprio, original. Há casos, ainda que raros, de semelhanças com animais. Como uma tia, que acabou ficando minha tia por empréstimo, ao ver a sobrinha bem loirinha, de olhos bem grandes, comentou “hat Kröteaungen”(tem olhos de sapo).

Logo após ser uma composição corporal graças aos olhares ingeniosos de seus admiradores, o bebê passa, ainda no berço, mesmo de UTI, aos enfeites coloridos distintivos de gênero. Parece uma questão de vida e de morte saber se é menino ou menina.

A seguir vem a fase de assumir a identidade dos modelos de corpos estabelecidos pelos critérios sociais. Para as meninas, o corpo idealizado é o das modelos; para os meninos, é o corpo dos super-heróis e dos atletas.

Ao chegar a idade adulta aparecem outros modelos, tanto para homem como para mulher, todos vinculados ao sistema produtivo ou à capacidade consumidora ou a valores estéticos.

Penso não me desviar muito da descrição destes modelos corporais, desenhados pela sociedade, afirmando que os valores máximos de sua estética giram em torno destas duas duplas opostas de valores: magro/gordo, bonito/feio.

Essa primeira parte da minha exposição teve como objetivo apresentar e fundamentar o que pretendo expor na segunda parte, no meu entender, a mais significativa.

## **II PARTE**

### **UM PROJETO DE CORPO PARA EDUCAR**

Hoje, não é preciso dizer, o corpo ocupa um destaque cada vez maior seja nas ciências, seja na sociedade, seja na vida individual. Resta saber, como nos adverte Jean-Marie Brohm, se estamos diante de um fenômeno de sublimação ou de dessublimação dos corpos humanos.

Vou limitar minha reflexão lembrando o conceito de Dasein em Martin Heidegger. Pelo Dasein, Heidegger afirma que o modo de ser do homem é ser-no-mundo. Ser-no-mundo significa estar presente ou existir num tempo e num lugar. Entretanto esta presença ou esta existência acontece na plenitude como consciência de si mesmo pela aceitação da situação de estar aí datado e situado, ou, aqui e agora. O corpo não é referido explicitamente, supõe-se que uma consciência espácio-temporal deverá ser encarnada. De qualquer forma o que caracteriza uma existência autêntica é a consciência de situação.

Foi Maurice Merleau-Ponty que introduziu na filosofia a idéia de que o homem é um ser corporal. O ser-no-mundo do homem se dá enquanto corpo. O homem é corpo. Portanto, o modo de ser do homem é ser corporal. Evidentemente o conceito de corpo em Merleau-Ponty não tem o mesmo sentido das antropologias dualistas. O corpo não é a uma parte, muito menos uma parte material do homem, ele engloba a totalidade das dimensões do ser humano.

Os avanços da biologia molecular, em especial das neurociências, confirmam o que Merleau-Ponty afirmou filosoficamente. A consciência, o eu ou a psique são funções neurais. Não existem o somático e o psíquico como instâncias distintas, eles se fundem e confundem numa complexidade intrínseca. Tudo o que é psíquico é também somático, isto é, corporal.

Esta maneira de compreender o corpo elimina pela raiz a idéia de um corpo objeto, de um corpo propriedade. Roberto Andorno, em seu livro *La bioéthique et la dignité de la personne*, trata a impossibilidade da apropriação do corpo tanto sob o ponto de vista antropológico e ético, quanto sob o ponto de vista jurídico.

Esta compreensão de corpo, isto é, de ser corpo em substituição de ter corpo, muda radicalmente a relação que mantemos com o corpo e, como consequência imediata, leva a uma revisão do processo pedagógico e a modificações profundas na ordem social. Uma ordem social corporal será infinitamente deferente de uma ordem social racional.

#### **1. SER CORPO**

Não sei se o termo consequência é adequado para dizer o que eu gostaria dizer, talvez, seria mais correto perguntar como fica a minha vida quando me reconheço como ser vivo corporal? Ou, como devo ser e agir enquanto corpo?

##### **1.1 Amar o corpo**

O amor ao corpo começa pelo gesto de aceitar-se a si mesmo. Uma tarefa difícil nos tempos atuais. Pelas pesquisas que eu conheço poucas pessoas estão satisfeitas com o corpo. Pela opressão dos padrões estéticos, no momento atual parece quase impossível. O que se propõe parece ser o contrário. Tudo converge para a modificação e para o uso.

Aprendemos desde pequenos a não aceitar o corpo nascido. Já somos identificados como uma composição de características herdadas. Olhos, boca, nariz, queixo, são da mãe, pai, avós, tios, etc. nada é do recém nascido. Depois se inicia a longa e torturante tarefa de construir um corpo, não o do nascido, mas de outro. Desde pequenos aprende-se ser o outro. A televisão se encarrega de fornecer os modelos. As minhas observações, embora superficiais, não me mostraram a preocupação em respeitar o corpo do novo ser, mas em tentar desenhá-lo segundo padrões de bebê de cosméticos. E a criança nem é levada a aceitar-se e amar-se, mas em espelhar-se no outro, em ser o outro. Acredito que seria muito proveitoso purificar a imagem de Narciso, a figura mítica que comprazia contemplar-se no espelho. O Freudismo o satanizou.

A infância, todos reconhecem, é uma época fundamental para definir o modo de seu viver. Na infância toda criança vive o momento em que se estabelecem as condições e as possibilidades de converter-se num ser capaz de aceitar-se, respeitar-se e amar-se, e, a partir desta aceitação, amor e respeito de si mesma, ela vive o amor de si mesma. E quando a criança ama a si mesma, ela se dá conta de que sua corporeidade a constitui, e que o corpo em lugar de limitá-la, ao contrário, é assumido como a fonte de todas as suas possibilidades.

Essa percepção da corporeidade como fonte de possibilidades, na prática cotidiana, é substituída pela visão dos limites. De fato, como a criança pode aceitar-se e amar-se se o que ela pensa e faz tem que ser estabelecido e aprovado pelo adulto? Como pode a criança aceitar e respeitar a si mesma se o que vê nela não é aceitável, porque assim lhe ensinaram os adultos, entre eles pais e professores? E quando comete algum erro, não a deixam aprender com seu erro, mas imediatamente é repreendida. Assim, ela se acostuma a renunciar ao que pensa, ao que diz e a o que faz.

Aí começam as modificações por diferentes meios que não quero lembrar aqui, mas não posso deixar de mencionar o vestuário, o penteado. Com a adolescência as dietas e, um pouco mais adiante, cada vez menos adiante, as plásticas.

Sem essa possibilidade de aceitação e respeito num sentido geral na vida da criança, torna-se difícil desenvolver a aceitação e o respeito ao corpo, e, com isto, será ainda mais difícil se falar, sou corpo, pois ele passa a ser uma peça de uso. E, uma peça de uso, todos sabemos qual é o seu valor, o valor instrumental. E aqui daria para fazer desfilar diante de nossos olhos uma galeria de corpos reduzidos a instrumentos de uso para um determinado fim, que, certamente, não é seu bem-estar, mas sua performance.

O amor ao corpo, que começa com a aceitação e o respeito de si mesmo, precisa, na minha maneira de pensar, inspirar-se no pensamento de Maturana que coloca o amor como a emoção fundamental que tornou possível a hominização e que continua como o fundamento de toda vida humana, tanto individual quanto social. Julgo, também, muito significativa a ressalva que ele faz sublinhando que ao falar do amor não está baseado no Cristianismo, nem fala como cristão e, também, no se importa com o que tenha dito o Papa. Afirma ele: “Estou falando com base na biologia” (p.25) e, acrescenta, “o amor é constitutivo da vida humana, o que o torna fundamento da vida pessoal e da socialidade. Entretanto, em meio a essa proclamação fundamental do amor, ele afirma com certo desencanto e, de certa forma, se desculpando para dizer que, “infelizmente, a palavra amor perdeu sua vitalidade, de tanto dizer que o amor é algo especial e difícil”. Para completar, caso me seja permitido, eu diria que vivemos uma terrível banalização do amor, especialmente, quando a justiça absolve ao aceitar o argumento: “matei por amor”. No meu

entender somente a coragem de introduzir esse argumento no discurso jurídico já é uma barbaridade. O que dizer então quando se lhe dá validade argumentativa?

Para Maturana, me parece indiscutível, o amor é uma manifestação biológica, em nome desta sua tese ele afirma que “Jesus era um grande biólogo. Quando Ele fala de viver no reino de Deus, fala de viver na harmonia que traz consigo o conhecimento e o respeito pelo mundo natural que nos sustenta, e que nos permite viver nele sem abusá-lo nem destruí-lo”. (Maturana Emoções e Linguagem na Educação e na Política p. 35). Portanto, quem ama o corpo percebe que amar o corpo é o primeiro e único gesto que assegura a autenticidade existencial da proclamação: Sou corpo.

Tal atitude leva a pensar uma nova eticidade.

## **1.2 A Ética da estética**

As éticas que fundamentam o comportamento do homem moderno, tanto em sua vida particular quanto em suas relações sociais, foram construídas sobre a racionalidade que tem no conhecimento seu critério maior. A razão é a última instância para julgar a eticidade do agir humano. Desta maneira, como diz Bárbara Freitag, surgiram várias teorias de éticas cognitivistas. Neste ambiente falar de ética da estética provoca, no mínimo, certa estranheza. Mas numa socialidade em que o amor é a emoção fundamental, a ética da estética é a consequência mais natural.

Quando aceitamos, com Maturana, o amor como a emoção fundamental que constitui o nosso processo de hominização e de humanização, não temos outra alternativa senão aceitar a ética da estética. Ou se quiserem, a vida coordenada pelos princípios da sensibilidade. Estética, na etimologia mais original grega, significa sentir, sensibilidade, sentimento. Esta sensibilidade está enraizada no amor, ela surge no viver de cada, quando vivemos, sentimos, escutamos, ouvimos o corpo. Surge também quando convivemos com os outros e com o meio ambiente. Infelizmente, a humanidade, em nome do progresso civilizatório, talvez mascarando interesses de poder, resolveu abandonar essa socialidade, e apelar, por julgá-la mais funcional, a socialidade racional o que acarretou a opção do conhecimento como fundamento da nossa vida. O ser humano, daqui para frente, foi declarado como um ser racional. Os conhecimentos sensíveis perderam o valor e passaram a ser tolerados, apenas, na esfera do doméstico. Aqui, vou reforçar as minhas palavras recorrendo, mais uma vez, ao biólogo Maturana: “Pertencemos a uma cultura que dá ao racional uma validade transcendente, e ao que provém de nossas emoções, um caráter arbitrário. Por isso é difícil para nós aceitarmos o fundamento emocional do racional, e pensamos que isso nos expõe ao caos da irracionalidade, onde tudo parece ser possível.”(p.52

Um argumento que precisa ser invocado em defesa do emocional nos é dado pelo fato, apontado por Maturana, de que a opção pelo racional tem um a priori emocional. A escolha que o homem fez e faz pelo racional como o guia de sua vida, foi feita por uma razão emocional. O que significa dizer, sem uma razão fundante. Diante disto pode-se concluir que o fundamento emocional de nossa racionalidade não é uma limitação, ao contrário, é um motivo para revermos seu significado em nossa vida. Essa revisão nos mostra que o humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional. O racional se constitui nas coerências operacionais dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem para defender ou justificar nossas ações (p. 18).

A ética da estética supõe uma socialidade corporal como fonte primeira da socialidade racional. Uma sociedade da ordem corporal parte do princípio de que todos têm o direito de viver, o que implica dispor de condições e recursos para garantir seu bem-estar, independentemente de seu aperfeiçoamento intelectual. Com esta base dificilmente se formariam grupos de excluídos.

Einstein, no meu entender, nos oferece em consideração uma palavra chave desta socialidade corporal, ou da ética da sensibilidade. Ele recorre ao termo *Fingerspitzengefühl*, que significa literalmente um sentimento, um sentir que se dá na ponta dos dedos. Para ele percebemos certas dimensões da realidade e dos fatos através da sensibilidade. Há verdades que são sentidas. Baseados neste fenômeno humano da percepção sensível de Einstein, podemos dizer que a maneira como eu vivo minha vida, da maneira como eu me relaciono com o outro e da maneira como me relaciono com a natureza terá como norma maior não necessariamente uma lei imposta pela razão, mas a força de uma emoção proveniente da aceitação e do respeito de nós mesmo e do outro.

A ética da estética em última instância nada mais é do que assumir o entrelaçamento do emocional e do racional que se opera cotidianamente em nós. O racional se constitui nas coerências dos sistemas argumentativos, o emocional se constitui no sentimento que nos torna copartícipes do outro. Desta maneira razão e emoção não se excluem, se complementam.

### **1.3 A eco-alfabetização do corpo.**

A eco-alfabetização corporal acontece fora da alfabetização cognitiva, não a dispensa, mas se coloca num outro patamar. A alfabetização corporal das pedagogias cognitivistas nos fornece o conhecimento do corpo, como objeto científico. A eco-alfabetização começa pelo amor de si mesmo e do outro que nos abre o caminho para ouvir a fala do corpo em substituição das tradicionais falas sobre o corpo

O corpo é falante. Na obra de Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception* encontramos um capítulo (p.203-232) intitulado, o corpo como expressão e a fala. Entretanto, não aprendemos a ouvir o corpo. Sem dúvida a fala do corpo não possui uma gramática, uma sintaxe ou um dicionário universais. O corpo fala a linguagem da emoção, da paixão, do sentimento e, por incrível que pareça, também, a linguagem da razão. A fala mais poderosa do corpo expressa a força das necessidades vitais, dos desejos e, particularmente, da presença.

O saber ouvir o corpo não se dá através de códigos lingüísticos, mas através do sentir. E aqui lembro o capítulo *O sentir* (p.240-280) da obra já citada de Merleau-Ponty, especialmente quando fala da mão que tocante e tocada, do corpo que sente e é sentido. O tato, o toque, a pele, talvez, constituam o grande material “lingüístico” e “gráfico” da fala do corpo. Além dessas funções, graças aos avanços das neurociências, hoje descobrimos a função visceral da pele. Pela função visceral, a pele se torna uma peça-chave na regulação homeostática. Assim, entre outras coisas, a pele ajuda a regular a temperatura do corpo e ajuda a regular o metabolismo. (António Damásio - *O Erro de Descartes* p. 261)

Acontece que todas essas manifestações do corpo nós não nos habituamos a senti-las no corpo, aprendemos desconfiar dos nossos sentidos e a confiar no olhar de fora e nos instrumentos. O saber de quem está dentro, julgamos que está contaminado, comprometido e viciado. Só o que vem de fora merece credibilidade. Mas Maturana nos alerta: “Temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia em nosso agir conosco mesmo,

em nossas relações com os outros seres humanos e com a natureza toda, e temos nos equivocado.

Acredito ser oportuno lembrar aqui uma constatação que Blaise Pascal (1623-1662), um pensador com ares de filósofo e místico, ao mesmo tempo que foi considerado um gênio da matemática e o inventor da máquina de calcular, fez ao perceber o grande conflito que abalou e abala a modernidade, entre dois princípios que ele denominou de Espírito de Geometria (esprit de Géométrie) e espírito de fineza ou gentiliza (esprit de finesse). O espírito de geometria representa a razão calculadora, instrumental-analítica que se ocupa com as coisas, é a ciência moderna que com seu poder mudou a face da Terra. O espírito de fineza é a lógica do coração que tem a ver com as pessoas e as relações sociais, nela reside o sentido da vida e a qualidade das relações humanas.

Na verdade não podemos substituir uma pela outra, pois as duas razões, a calculadora e a do coração, são necessárias para darmos conta da existência. O que importa é harmonizá-las. A eco-alfabetização corporal busca o desenvolvimento do racional e do emocional como forma de garantir a dinâmica da vida humana. Esse seria o caminho para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o corpo, o outro e o mundo natural, mas que deseja conhecer-se e conhecê-los na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da existência, na convivência e no relacionamento com a natureza em que se vive.

A eco-alfabetização reconhece que razão e coração, conhecimento e amor não são alternativas; o amor e o coração são fundamentos do viver humano, razão e conhecimento são instrumentos para a ação, portanto as duas instâncias devem ocupar o seu lugar na vida pessoal, nas relações sociais e no trato com a natureza.

Por fim, diria que a eco-alfabetização corporal, cujo mandamento maior é o amor, estabelece que toda minha existência deve ser determinada pela vida que está em mim e que me constitui, e não pelos produtos ou resultados a serem alcançados.

## **2. NO JARDIM-DE-INFÂNCIA**

Para iniciar minha reflexão sobre o Jardim-de-infância, quero lembrar a passagem de Robert Fulghu, apresentada como Mote na Programação deste evento: *“Tudo o que eu preciso mesmo saber sobre como viver, o que fazer, e como ser, aprendi no jardim-de-infância.”*

Confesso, com toda a franqueza, fiquei confuso diante desta proclamação. Não consigo entender claramente seu significado ou seus significados. Duas interpretações marcaram minha leitura:

- a) O jardim-de-infância seria a mais importante fase do processo educacional.
- b) No jardim-de-infância recebemos as informações básicas que, de um lado, romperiam radicalmente com nossa maneira de ser infantil; de outro lado, determinariam, de maneira definitivamente, toda nossa vida futura. Um tipo de iniciação para o ingresso na ordem social vigente.

Neste primeiro momento de minha reflexão, devo reconhecer, fiquei sem a mínima inspiração. A minha experiência, melhor, minha não-experiência de jardim-de-infância em nada me ajudou. Não frequentei o jardim-de-infância. Entrei direto no primeiro livro, como se falava na época. Do tempo de jardim dos meus filhos lembro que a merenda,

confeccionada em casa, era, para eles, o mais importante. O recreio era um piquenique festivo, onde a merenda era como um livro sagrado. Iam ao colégio, felizes e voltavam sorridentes. Na primeira série o cenário mudou. Começaram as preocupações.

Diante desta situação confusa, voltei a reler o pequeno texto que está na programação. Desta vez, encontrei esta inquietante pergunta:

### **O que ensinamos na educação infantil?**

A pergunta me levou a prestar mais atenção ao nosso processo de ensino/aprendizagem. Eu acredito que devemos ensinar aprender em lugar de coisas aprendidas. Foi assim que julguei ter visto uma pequena luz brilhar diante de mim.

Percebi, com maior clareza, que o nosso ensino se concentra na transmissão de conceitos, definições, teorias, verdades e certezas, junto com lógicas de raciocínio, métodos empíricos, fórmulas e receituários prontos. Os manuais constituem a base da literatura da formação escolar.

Desde Galileu aprendemos que o universo é um livro, o único livro das ciências, substituindo os livros sagrados que são os livros das teologias. O universo estaria escrito, segundo nos disse Galileu, com caracteres matemáticos e figuras geométricas. Cabe ao homem saber interpreta-lo. O corpo humano, como ficou confiado aos cientistas, acabou sendo interpretado sob as mesmas regras.

Durante mais de três séculos, todos ficaram convencidos de que as ciências deveriam ser construídas dentro destes critérios matematizantes.

Aos poucos, mais recentemente, os estudiosos das ciências levantaram sérias suspeitas sobre esse modo de fazer ciências, e, em especial, questionaram seu monopólio, exigindo o reconhecimento de outros saberes. Neste sentido, Edgar Morin em seu livro, Os setes saberes necessários à educação do futuro, se declara impressionado pelo fato de que a educação não se preocupa “em fazer conhecer o que é conhecer” (p.14)

Em relação ao corpo humano, hoje, com as mudanças de compreensão do ser humano tornou-se necessário reconhecer que sua linguagem vai muito além das matemáticas e das geometrias. O corpo não só está escrito segundo seu código genético, mas ele é falante. Neste sentido é importante lembrar a obra, já citada, *Phénoménologie de la perception* de Maurice Merleau-Ponty, especialmente o capítulo, *Le corps comme expression et la parole* (O corpo como expressão e a fala).

Com nova atmosfera de questionamentos das ciências, surge, em contrapartida, o reconhecimento dos saberes segundo a tradição das culturais orientais. Além de descobrirmos outros saberes, encontramos, também, diferentes compreensões de corpo. E mais, além disto tudo, encontramos diferentes formas de ensinar. Este ponto, insisto, quero sublinhar com destaque.

Os ensinamentos das culturas orientais, em especial as mais antigas, não passam por conceitos e definições, mas são transmitidos em forma de parábolas. Como exemplo, cito as parábolas de Cristo presentes no Novo Testamento. Não é preciso lembrar que a cultura semita é uma das várias culturas orientais.

Desta maneira espero responder, pelo menos em parte, à pergunta acima formulada, pois “o que se ensina” confunde-se com “como se ensina”.

Diante desta minha “descoberta”, peço licença para trazer a parábola do monge Lin e seu discípulo Cheng.

Começa assim: O discípulo Cheng se preparava para liderar seu povo. Procurou, então, o monge Lin:

- Mestre, já estou pronto para assumir o meu posto.

-Observe este rio: qual a importância dele? – perguntou Lin.

Cheng observou uma série de aspectos do rio.

Depois de falar com o Mestre este lhe pediu que continuasse a observar.

Cheng fez uma série de observações e narrou-lhe mais uma longa lista de fatores importantes do rio.

Mais uma vez o monge Lin, colocando a mão na cabeça do discípulo, pediu-lhe que continuasse a observar.

Passados alguns meses, após revelar mais observações, Cheng ouviu a mesma pergunta da importância do rio, e a mesma recomendação de continuar observando.

Diante de outras observações do discípulo, Lin colocou novamente a mão na sua cabeça pediu-lhe que continuasse a observar. Os meses se passaram. Novamente o mestre perguntou:

-Observe este rio, qual a importância dele?

Desta vez Cheng respondeu:

- Mestre, este rio me mostrou que, cada vez que eu o observo, aprendo algo de novo. É observando que aprendemos. Não aprendo quando as pessoas me dizem algo: aprendo quando as coisas fazem sentido para mim. A observação é o aprendizado, quando sabemos contemplar.

Então o mestre lhe diz:

- Vá e siga o seu caminho, meu filho. *Como é difícil aprender a aprender.*

Para dar mais um passo na minha reflexão vou trazer um fato que me chamou a atenção.

Félix Carbajal (uruguaio, 100 anos, mora num asilo em Blumenau. Gnomonista de profissão. Dono de uma cultura universal e de uma vida intensíssima. A mãe morre no seu nascimento, o pai aos 17 anos. Herdou uma fortuna incalculável. Saiu mundo a fora para conhecer o mundo e viver. Em 1940, antes de chegar aos quarenta anos, esgotara a fortuna. E aí andou perambulando pelo mundo vivendo como podia e buscando mais cultura). O fato: Félix caminha num Schoping junto com mais duas pessoas buscando um lugar para fazer um lanche. “Um casal passa, levando com ele um garotinho ainda ensaiando os primeiros passos. Félix pára. Fica bem na frente do menino. Eles se olham por muito tempo. O velho sorri, o menino também. Depois, o casal segue e ele fica, parado. “En este mundo, los niños son los únicos que me hacen verter una lágrima”, brada. Fala então que poderia ficar emocionado com uma nuvem, um pássaro, um rio limpo, mas que agora, nesses tempos de guerra, de ódio, em que os Estados Unidos atacam países sem motivos, com bases em mentiras, não há mais nada com que se enternecer. Só as crianças. Essas, sim. Más só até os cinco anos. Depois disso perdem a pureza.” (Reportagem de Eliane Tavares, Rev. Caros Amigos, março, 2005, p. 22)

O centenário Félix Carbajal, certamente, deve ter alguma idéia para nos dizer o que ensinar na educação infantil.

## CONCLUSÃO

Se eu puder oferecer sugestões para o jardim-da-infância, elaboraria três:

1ª) Lembrando Félix Carbajal, penso que seria fundamental garantir que as crianças pudessem continuar a provocar emoções depois dos cinco anos e durante toda a vida. Acrescentaria, aqui, uma observação que já fiz em outras ocasiões sobre uma passagem do evangelho que diz que para entrar no Reino dos Céus é preciso ser criança. Entretanto, eu não vejo, no interior das igrejas cristãs, preocupação em preservar as virtudes da infância, ao contrário, percebo uma quase neurose pela ortodoxia dogmática e por normas morais.

2ª) Agora a sugestão está inspirada no mestre Lin. O corpo é como um rio, poderia ser, também, um livro. Para saber sua importância em nossa vida precisamos observa-lo ou lê-lo todos os dias. Neste sentido quero invocar a compreensão de observar que nos dá Maturana, como uma ação original e exclusiva do observador.

O que é mais significativo em relação à parábola acima é que o rio ou o livro sou eu, é cada um de nós. Aqui se pode aplicar a tese, já citada, de Merleau-Ponty de que a mão pode ser ao mesmo tempo tocante e tocada, cada um pode ser ao mesmo tempo vidente e visto. Neste caso cada um é observador e observado.

Parece óbvio que os conceitos, as definições, as teorias não nos deixam observar. Eles nos impõem uma observação.

3ª) A terceira sugestão eu a extraí de uma entrevista, que acompanhei no Canal cinco da TV Francesa semana passada, com a cantora indonesiana, Angun (sic), Ela disse que o indonesiano quando fala sorri todo e todo tempo. Nele tudo sorri. A boca, os olhos, as faces, os cabelos, etc. Ao contrário do europeu, disse ela, que fala sério. Talvez, explicou, seja porque deve enfrentar uma vida dura. Será que o jardim-de-infância faz perder o sorriso diante da vida dura que a cultura ocidental nos desenha pela frente?

Como palavra final diria que a infância é o tempo de criar, de inventar e de brincar, portanto, ensinar seria observar, respeitar, preservar e prolongar este tempo durante toda a existência.

Prof. Silvino Santin  
Santa Maria, 22 de abril de 2005.